

ETANOL: A SAGA BRASILEIRA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho[♦]

O agronegócio da cana-de-açúcar viveu momentos intensos e voláteis nos últimos 20 anos. Nos primeiros 10 anos (1990-2000) crescimento anual da oferta de cana-de-açúcar de 1,5% ao ano – era o anúncio do fim do etanol hidratado e do carro a álcool; a análise dos 20 anos mostra um crescimento da oferta de canas de 4,1% ao ano, sendo que entre 2000 e 2012 viveu-se o clímax do hidratado (com o lançamento dos carros flexíveis).

No período todo viveu-se desde o Plano Verão ao Plano Real, as políticas de FHC para o etanol (2002) após a total desregulamentação, os carros flexíveis, os altos preços do petróleo e a co-geração de energia elétrica (uso do bagaço da cana).

O Governo FHC e os produtores se acertaram e o setor se reequilibrou. No 1º Governo Lula, se deu prioridade aos biocombustíveis com a sua apologia, em entrosamento com o setor privado, mesmo com momentos de subidas dos preços do etanol (papel chave do Ministro Roberto Rodrigues). O 1º Governo Lula manteve a CIDE (imposto sobre a gasolina) implantado no Governo FHC, para cobrar as externalidades negativas da gasolina, mas, no 2º Governo iniciou o congelamento da gasolina, reduzindo passo a passo a CIDE até que fosse zerada no Governo Dilma. A CIDE era a “alma” da política pública ao etanol (permitindo ao etanol conviver com a gasolina no mercado) e foi atropelada pela equação PRÉ-SAL/INFLAÇÃO/PERDA DE PRIORIDADE DO ETANOL.

Desde 2008, o setor produtivo e o governo federal não falam a mesma língua, mesmo com o fato que o Brasil é o único país que tem escala com o combustível etanol competitivo. Também é fato que a gasolina brasileira está defasada e “afogando” o etanol. O futuro é convidativo ao combustível renovável mas é o presente que o fará acontecer. Não assim!

Enquanto os produtores perdem margem na falta de logística e infraestrutura, o governo federal se perde na importação de gasolina com preços superiores às vendas no mercado interno. É um saco sem fundo!

A política pública deve ter a CIDE de volta e a tecnologia e o mercado resolverão todo o resto, valorizando o capital externo e tendo transparência nas políticas principais. O etanol brasileiro é considerado avançado nos Estados Unidos da América.

[♦] Presidente da ABAG – Associação Brasileira do Agronegócio.